

OS DISCURSOS NA *ENEIDA*:

JÚPITER (4.223-237) E MERCÚRIO (4.265-276)

Após o enlace sentimental entre Dido e Eneias no livro IV (160-172) da *Eneida*, dado a conhecer pela *Fama*, Iarbas, despeitado pela escolha da rainha, lamenta-se a Júpiter (4.206-218). E, na sequência do lamento, o deus vai enviar Mercúrio à terra (4.223-237):

*'Vade age, nate, uoca Zephyros et labere pennis
Dardaniumque ducem, Tyria Carthagine qui nunc
exspectat fatisque datas non respicit urbis,
adloquere et celeris defer mea dicta per auras.
Non illum nobis genetrix pulcherrima talem
promisit Graiumque ideo bis uindicat armis ;
sed fore qui grauidam imperiis belloque frementem
Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucri
proderet, ac totum sub leges mitteret orbem.
Si nulla accendit tantarum gloria rerum
nec super ipse sua molitur laude laborem,
Ascanione pater Romanas inuidet arces?
Quid struit? aut qua spe inimica in gente moratur
nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua ?
Nauiget! Haec summa est, hic nostri nuntius esto.'*

«Vai depressa, meu filho! Chama os Zéfiro e desliza com as tuas asas até à presença do chefe dos Dardânios, que agora se detém na tória Cartago, sem pensar nas cidades que o destino lhe concedeu. Fala-lhe e, aproveitando as brisas velozes, leva-lhe a minha mensagem. Não foi este o herói que a sua formosíssima mãe nos prometeu, nem foi para isto que ela o salvou duas vezes das armas dos Gregos. Ele deveria governar a Itália, plena de impérios e fremente de guerras, e propagar a estirpe do nobre sangue de Teucro e submeter toda a terra às suas leis.

Se a glória de tão grandes feitos em nada o inflama e se ele nada faz em prol da sua própria glória, há-de o pai recusar a Ascânio a cidadela de Roma? Que pensa ele? Que esperança o leva a demorar-se entre um povo inimigo, sem cuidar da sua ausónia descendência e dos campos de Lavínio? Que se faça ao mar! Tudo se resume nesta ordem. Sê, junto dele, o nosso mensageiro.»

As indicações de Júpiter, que integram o plano geral da intervenção da divindade em contexto humano, visam, à semelhança do que ocorre no livro V da *Odisseia* (5. 29-42 e 5. 105-115) com a intervenção de Zeus, que envia Hermes a Calipso, quebrar o impasse que se gera com a permanência do herói em Cartago e, deste modo, relançar a acção.

No entanto, contrariamente à intervenção de Zeus, a mensagem de Júpiter «is to Aeneas personally, stating powerfully the reasons why he must leave; it is an action directed at the conscience of Aeneas. Aeneas must remember his divine mission, and then is in a position to act accordingly – it is not necessary to release him (as it is with Odysseus) from a situation with which he cannot cope.»¹

Além disso, e contrariamente à intervenção de Zeus, as palavras de Júpiter encontram-se marcadas por um tom repreensivo; um tom que se não esgota em um plano exclusivamente emotivo, mas que, ao combinar-se com os elementos discursivos da intervenção, formula um acesso à questão da heroicidade subjacente à personagem de Eneias.

Com efeito, não deixa de ser significativo que, no quadro da construção do heroísmo eneiádico, seja das palavras do supremo deus que emanam, pela primeira vez de forma estruturada na narrativa, determinados elementos que, considerados isoladamente, lançam uma nova perspectiva, de tonalidades negativas, sobre Eneias. Se, até ao momento, a óptica da revelação do herói se tem vindo a consubstanciar em uma paulatina, mas firme, acomodação ao destino e ao cumprimento das suas determinações, tal parece inverter-se no quadro da estada em Cartago.

Na verdade, a constatação de Júpiter, no verso 227-228 (*Non illum nobis genetrix pulcherrima talem / promisit*), seguida de uma nova constatação que põe em causa a relação entre os tópicos salvação-destino (4. 228: *Graiumque ideo bis uindicat armis*) parecem constituir evidência da

¹ WILLIAMS, R. D., *The Aeneid of Vergil*, 2 vols., edited with introduction and notes by..., London, Macmillan, 1972, vol.1., 351.

anulação, ainda que temporária, da prévia e demonstrada ligação activa e consequente entre o herói e a sua missão.

Essa evidência continua a manifestar-se ao longo da intervenção de Júpiter. Após a definição, em três versos, dos objectivos da missão eneíadica (4. 229-231: *sed fore qui grauidam imperiis belloque frementem / Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucris / proderet, ac totum sub leges mitteret orbem.*), que culmina no reconhecimento de que tal missão aufere de um significado teleológico (submeter toda a terra às leis), que se sobrepõe à relação entre causa e efeito, determinada pelas fronteiras materiais e imanentes da narrativa, o deus regressa às considerações sobre o estado de Eneias. E essas considerações, assentes na ideia de abandono da missão já formulado no verso 225 (*fatisque datas non respicit urbis*) através do topos do alheamento, exprimem-se agora através dos topos do incumprimento (4. 232-233: *Si nulla accendit tantarum gloria rerum / nec super ipse sua molitur laude laborem*), da inobservância pelos direitos da própria descendência (4. 234: *Ascanione pater Romanas inuidet arces?*), do engano (4. 235: *aut qua spe inimica in gente moratur*) e da inacção (4. 236: *nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua?*).

Neste sentido, as palavras de Júpiter traduzem o estágio final das consequências da acção do livro IV: «He [Eneias] is caught and temporarily lost in the tempestuous passion of Dido and his own passion for her; in this sense the book's domination by Dido is a clear index of Aeneas' weakness. We see the true vulnerability of the man, the real consequence of the loss of Anchises, his unreadiness for a destiny that required initiative of the most resolute kind. In short, the problem posed by Book IV is precisely Aeneas' eclipse, his passivity and weakness. (...) he fails to be what he has to be if he is really to lay claim to either heroism or *pietas*.»²

No entanto, o desvio da ordem, que vai determinar a disposição de Júpiter expressa em '*Nauiget!*', não deixa de constituir um dos indicadores de que, subjacente à formulação de Eneias, enquanto herói épico, se encontra não só um quadro de formação constituído *in agendo*, mas também que esse quadro se encontra distanciado de um dogmatismo severo que exclui elementos como a dúvida, a incerteza e a fraqueza da configuração dos seus heróis.

² OTIS, Brooks, *Virgil. A study in civilized poetry*, Oxford, OUP, 1964, 266.

A situação em que Mercúrio encontra Eneias dá corpo narrativo e accional às considerações previamente feitas por Júpiter (4.265-276):

*‘Tu nunc Karthaginis altae
fundamenta locas pulchramque uxorius urbem
exstruis? Heu, regni rerumque oblite tuarum!
Ipse deum tibi me claro dimittit Olympo
Regnator, caelum et terras qui numine torquet,
Ipse haec ferre iubet celeris mandata per auras :
Quid struis ? aut qua spe Libycis teris otia terris ?
Si te nulla mouet tantarum gloria rerum
nec super ipse tua moliris laude laborem,
Ascanium surgentem et spes heredis Iuli
respice, cui regnum Italiae Romanaque tellus
debentur.’*

«És tu quem agora lança os alicerces da alta Cartago e levantas, como marido dedicado, uma bela cidade? Ai de ti, esquecido do teu reino e do teu destino! É o próprio soberano dos deuses que a ti me envia do claro Olimpo, aquele que, com o seu poder, faz girar o céu e a terra. Ele mesmo me ordena que te traga esta mensagem através dos ventos céleres. Que pensas tu? Que esperança te faz gastar o teu tempo nestas terras líbias? Se em nada te move a glória de tão grandes feitos, nem te empenhas em prol do teu louvor, olha para Ascânio que cresce, e a esperança do legado de Iulo, a quem são devidos o reino de Itália e a terra romana.»

As palavras de Mercúrio a Eneias vão determinar que «His conscience has obviously been awakened (...). He knows he must go: like any guilty man he wants to get it over, cut the troublesome emotions, do what he has to do without more words and tears.»³ No entanto, além do valor accional de que se reveste a intervenção de Mercúrio, no sentido da promoção da conseqüente decisão de Eneias de partir de Cartago, as palavras do deus apresentam a faculdade de ampliarem as de Júpiter, marcando os sentidos verdadeiramente determinantes da situação presente do herói. Com efeito, a primeira referência à actividade de Eneias (4.265-267: *‘Tu nunc Karthaginis*

³ OTIS, Brooks, *Virgil. A study in civilized poetry*, Oxford, OUP, 1964, 267.

altae / fundamenta locas pulchramque uxoriis urbem / exstruis?) constitui um acesso ao correcto sentido da permanência de Eneias em Cartago.

A combinatória entre a menção aos trabalhos de Eneias na construção da cidade, que evidencia o assumir, pela parte do herói, da missão da rainha, e a menção ao ‘estatuto’ de *uxoriis*, resultante do enlace que, embora agilizado por Vénus e Juno, se encontra em total desacordo com os ditames do *fatum*,⁴ exprimem bem a inversão que, no decurso do livro IV, se produziu em Cartago relativamente aos antecedentes da acção e aos pressupostos da missão. E, neste sentido, o verso 267 (*Heu, regni rerumque oblite tuarum!*), que concentra e amplia o topos do alheamento, expresso por Júpiter, no verso 225 (*fatisque datas non respicit urbis*) mais não constitui do que a chave de significado do presente estado de Eneias.

A referência de Mercúrio, nos versos seguintes, às ordens de Júpiter mantém, em termos gerais, o sentido das palavras do deus: «Much of Mercury’s speech is repeated from Jupiter’s; this is a very frequent feature of Homeric epic, but much rarer in Virgil. Here it is employed to bring home to the reader by reiteration the gravity of Aeneas’ negligence.»⁵ No entanto, no tocante ao sentido restrito das mesmas, Mercúrio opera algumas modificações, visíveis nos seguintes versos:

4.235 : *aut qua spe inimica in gente moratur*

4.271 : *aut qua spe Libycis teris otia terris ?*

4.236 : *nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua ?*

4.274-5 : *Ascanium surgentem et spes heredis Iuli / respice,*

4.234: *Romanas (...) arces?*

4.275: *regnum Italiae Romanaque tellus*

Do conjunto das modificações operadas por Mercúrio, relativamente às palavras de Júpiter, sobressai o redimensionamento das informações. A

⁴ Vide, a este respeito, as indicações de Creúsa, em 2.781 e 783-4: ‘*et terram Hesperiam uenies (...). / Illic res laetae regnumque et regia coniunx / parta tibi. (...)*’ «e chegarás à terra da Hespérides (...). Aí te aguardam a felicidade, um reino e uma esposa real.»

⁵ WILLIAMS, R. D., *The Aeneid of Vergil*, 2 vols., edited with introduction and notes by..., London, Macmillan, 1972, vol.1., 355.

transformação da *inimica gens* no genérico *Libycae terrae*, a omissão da *proles Ausonia* e a consequente centralização da questão em Ascânio e no seu legado, e a omissão da referência às *Romanae arces* em benefício dos novamente genéricos *regnum Italiae Romanaque tellus*, se, por um lado, pode indiciar que Mercúrio, na qualidade de “(...) the god of eloquence, facundus nepos Atlantis, (...) could not merely repeat the message verbatim.”⁶, por outro lado, exprime a acomodação da perspectiva de um quadro de onisciência, no tocante à missão eneiádica e aos seus referenciais históricos e políticos, a um quadro, no qual a perspectiva do herói é parcial e ajustada aos condicionalismos da narrativa.

Deste modo, do conjunto das intervenções divinas de Júpiter e Mercúrio é possível constatar não só a perfeita coesão textual dos episódios, como a sua coerência interna: as palavras de Júpiter encontram-se em total consonância não apenas com a sua definição de deus supremo e onisciente, mas também com a sua estrita acomodação aos pressupostos do *Fatum*, na medida em que «(...) the will of (...) Jupiter is supreme over the rest and is always identified with the ordinances of Fate. (...) working of Fate in the poem appears as the working of a purpose and not simply as the fulfilment of an impersonal scheme: Fate assumes the character of Providence.»⁷ palavras que, por sua vez, Mercúrio traz à terra, em um sentido de acomodação ao plano humano, forçosamente mais limitado e circunscrito pelo programa da acção e do conhecimento do herói.

CLÁUDIA A. AFONSO TEIXEIRA

⁶ HIGHET, Gilbert, *The speeches in Vergil's Aeneid*, Princeton – New-Jersey, PUP, 1972, 124.

⁷ CAMPS, W. A., *An introduction to Virgil's Aeneid*, Oxford, OUP, 1969, 42-43.